



3554 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 08 - Formação de Professores

Transvidualidades: dialéticas relacionais nas histórias de vida
Carlos Alberto Caetano - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Resumo

Tratamos neste estudo das potencialidades da abordagem narrativa num contexto epistemológico, neste sentido percorremos um roteiro de afirmação ontológica e hermenêutica. Apoiados em alguns autores: pensamos com Clandinin e Connelly (2011) a abordagem narrativa no contexto da educação. Pensamos com Zeichner (2010), uma abordagem formativa narrativa para professores no contexto da justiça social, onde introduzimos a importância das concepções da diversidade como reconhecimento, afirmação, neste campo dialogamos com Adesky (2001), autor que explicita o valor do reconhecimento no contexto de uma intersubjetividade ética. Metodologicamente de um estudos bibliográficos e proponho um conceito de transvidualidade para pensar a complexidade das interações na ontologia do ser. Concluo trazendo apontamentos de conceitos resignificados e reconceituados pela abordagem bibliográfica focando os campos da ética, estética e da política.

Transvidualidades: dialéticas relacionais nas histórias de vida

Resumo

Tratamos neste estudo das potencialidades da abordagem narrativa num contexto epistemológico, neste sentido percorremos um roteiro de afirmação ontológica e hermenêutica. Apoiados em alguns autores: pensamos com Clandinin e Connelly (2011) a abordagem narrativa no contexto da educação. Pensamos com Zeichner (2010), uma abordagem formativa narrativa para professores no contexto da justiça social, onde introduzimos a importância das concepções da diversidade como reconhecimento, afirmação, neste campo dialogamos com Adesky (2001), autor que explicita o valor do reconhecimento no contexto de uma intersubjetividade ética. Metodologicamente de um estudos bibliográficos e proponho um conceito de transvidualidade para pensar a complexidade das interações na ontologia do ser. Concluo trazendo apontamentos de conceitos resignificados e reconceituados pela abordagem bibliográfica focando os campos da ética, estética e da política.

Palavras Chaves: transvidualidade; justiça social; ontologia e narrativas

Abstract

We deal in this study with the potentialities of the narrative approach in an epistemological context, in this sense we go through a script of ontological and hermeneutic affirmation. We support some authors: we think with Clandinin and Connelly (2011) the narrative approach in the context of education. We think with Zeichner (2010), a formative narrative approach for teachers in the context of social justice, where we introduce the importance of the conceptions of diversity as recognition, affirmation, in this field we dialog with Adesky (2001), author that explicitly recognizes the value of recognition in the context of an ethical intersubjectivity. Methodologically from a bibliographic studies and I propose a concept of transvalidity to think the complexity of the interrelations in the ontology of the being. I conclude by bringing notes of concepts that have been reconfigured and reconceptualized by the bibliographic approach, focusing on the fields of ethics, aesthetics and politics.

Key words: transvalidity; social justice; ontology and narratives.

1-Introdução

No contexto histórico das metodologias qualitativas alguns conceitos tomam a espacialidade numa semântica de totalidade onde a temporalidade se perde na singularidade das vivências. Nesta perspectiva situamos a necessidade deste construto que apresentamos sinteticamente, mas que ainda não está esgotado em suas possibilidades de envolver e exteriorizar as complexidades mais profundas das inter e trans vivências, acontecem no diálogo da vida, as medições da existência ganham sentidos nos encontros e desencontros de uma permanente trajetória que se configura ao longo da vida. Portanto tomar a vida como caminho e caminhar pela vida significa construir e lapidar quem somos ou o que somos em nossas jornadas. Aqui situamo-nos num pensamento vanguardista, idealista e romântico, daqueles que ainda ousam sonhar por novos caminhos metodológicos, onde o ser se põem por inteiro num fazer-se que só se concretiza no outro. É indo ao encontro destas espacialidades onde os encontros e desencontros se concretizam em suas mediações que narramos os fenômenos das proximidades das narrativas de vida.

2- Do narrar o viver a educação da vida

Nas experiências dos encontros e desencontros na vida, ouvimos e falamos dos sentimentos que se manifestam em expectativas, em alguns momento escolhemos os caminhos e em outros somos escolhidos na caminhada. A interações expressadas em nossas trajetórias de vida, deixam as marcas de nossas narrativas em sons, gestos, imagens que se reconstrói a cada remergulho nas profundidades de nossas lembranças. Mas como nós diz Clandinin e Connelly (2011), no processo contínuo de composição de sentidos do que entendem por pesquisa narrativa, que embora esteja sempre em transformação:

É uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares, e em interação com milieus. Um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, do reviver e recontar, as histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas: individual e social (...) pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas (CLANDININ E CONNELLY, 2011, pag.51).

O viver se sustenta nas relações de alteridade, experienciamos em nossas jornadas o processo de nossa maturação, através de nossas interações com os outros, construímos nossas histórias num permanente diálogo com os sentidos seja nas conflitualidades ou conformidades hermenêuticas do viver e contar e recontar histórias num continuum interpretar-se e reinterpretar-se fazer-se e refazer-se ontologicamente afirmado e reafirmado pelo contexto narrativo. O mundo pode ser lido narrativamente pelas vivências universais e singulares de seus habitantes, estas experiências revelam-se depositárias dos sentidos da vida. As vidas que se cruzam e interagem produzindo em suas medições os sentidos hermeneuticamente marcados pela existência das culturas, trajetórias conscientes e inconsciente, são semioticamente narradas pelos caminhos de compreensão construídos na vida e ao longo da vida.

A vida se expressa narrativamente através de suas histórias, assim somos educados por ela, e nela,

trata-se do ofício de um artista que prepara e executa sua arte, mas neste exercício de criar e fazer sua arte ele se faz enquanto uma ontologia da compreensão. Narrativamente vivemos reativados por nossas histórias de vida, num complexo e contínuo descobrir-se enquanto ser, compreender as compreensões que me fazer ser quem sou. Enfim somos os sentidos de todas as manifestações concretas da vida e também as “expressões metafóricas” de numa temporalidade que se faz num tempo presente, de um presente do passado, num presente do presente para um presente no futuro, não há tempo perdido, narrativamente nos movemos na historicidade ontológica da vida que se faz e refaz na oralidade e na escrita de meus pensamentos, escrita tomo como autor, embora sua originalidade ancora-se nas construções multisubjetivas. A concretude das vivências nos remete ao desafio de pensarmos a partir de uma hermenêutica ontológica, há um clamor narrativo nas experiências do vivido.

3-Transvidualidade: um campo convergência do ser no viver

Buscando compreender-me enquanto ator social envolvido nas hermenêuticas dialéticas das significações e problematizações do cotidiano, circunscrevo-me nas concepções e sentidos impregnados de marcas simbólicas que não são isoladas, mas inscritas antropologicamente, historicamente, sociologicamente, filosoficamente numa história epistêmica, deixada e construída por vestígios já que muitos saberes não foram epistemologicamente considerados no contexto da ontologia das compreensões, são sentidos aprisionados no tempo, assim o viver e narrar se descobre presente, num passado-presente, para um presente-presente, intersubjetivamente no contexto interativo de uma transvidualidade. Assim a dialogia narrativa permite a transcendência complexiva da temporalidade humana.

Em algum momento as várias vidas se cruzam enquanto vivências comuns no mundos simbólicos que decodifica a fenomenologia sociológica a ponto de identificarmos pontos de partidas comuns, bifurcações epistêmicas, que foram impulsionadas pelos significados e sentidos dos sentidos vividos. Ao exercitar está escrita simbiótica dos sentidos ilimitados do ser que se faz ser-presente identificamos um corpo que busca viver sua alteridade, portanto identificar meu ser é identificar minha ética-ontológica trata-se de conhecer e reconhecer-me em minha trajetória e em meus percursos.

Para além da temporalidade e da espacialidade que transcende inicialmente a vida configurando e reconfigurando as significações e ressignificações em interações e interconexões com outras intersubjetividades nas trajetórias, que configuram e reconfiguram no ser, nestes movimentos entrecruzam dialeticamente e dialogicamente atingindo uma intercomunicação, uma transcomunicação humana, são vivências inter-humanas de relações transhistóricas de vidas vividas no reconhecimento, na afirmação da coletividade não há como afirmar o eu sem o outro. A vida sempre se apresenta no presente do presente, com sentidos que constrói o ser contínuo, alimenta-o dos significados e valores de vidas-vividas e viventes que mesmo sem a singularidade de nossa participação direta enquanto ser, ressignifica nossos sentidos por uma grande teia intersubjetiva que denomino de transvidualidade.

A tarefa central posto neste neologismo conceitual no qual denominamos de transvidualidade é reconstruir os percursos dos sentidos da vida, atribuindo a cada um deles, os reais valores dos vestígios deixados na identidade humana no contexto do conceito de formação enquanto práxis hermenêutica da ontologia narrativa.

No foco do pensar a militância social, pressinto que a conflitualidade das vivências humanas enquanto fatores dependentes de condicionamentos sociais, econômicos, políticos e culturais emergenciam-se do respeito e do reconhecimento das identidades e valores cotidianamente postos na representação destes seres que se fazem no tempo, sem perder seu presente num passado, mas que ao viver conscientemente a práxis dos sentidos do seu ser, identifica-se numa construção de si com o outro sem perder sua singularidade.

4-Sentidos da formação de professores

No contexto da formação de professores a reflexão sobre os percursos e trajetórias das experiências docentes são campos permeados de sentidos, profundamente ligados às vivências, onde os saberes vêm tecendo-se formando uma grande rede de experiências docentes, uma rede tecida pelas intersubjetividades, dialogicamente estes sentidos passam para um contexto de transsubjetividades, este movimento leva à universalização de vivências, onde o principal foco passa a

ser a dialética resignificativa da vida. A transvidualidade impulsiona a transformações que sofremos no contato com a reflexão sobre a vida e o outro, pois sempre ela diz respeito a nós pelo próprio princípio de que sou pela existência do outro que me reconhece como ser, trata-se de uma alteridade necessária ao sentido da vida.

Quando dialogamos com Zeichner (1991) encontramos neste autor linhas que convergem para a luta contra a injustiça social. O maior avanço é que ele traz para o centro do processo do ensino aprendizagem que se materializa no trabalho do professor com o aluno a dimensão da responsabilidade pela justiça social. Conforme diz Zeichner:

Hoy la expresión educación del profesor para justicia social (EPJS) se emplea para referirse a estos programas de preparación del profesor de orientación social y reconstruccionista. La EPJS, como la reflexión de los años ochentas y noventa, se ha convertido en un nuevo eslogan de las o Formación del profesorado entre aquellos educadores del docente que se idem cole umas ideias progresistas. Há ilogado al punto em que es muy difícil encontrar em algum sitio um programa de formación de professor que no proclame que incorpora um lan de justicia social y que prepara a los profesores para trabajar contra las desigualdades de la escuela y de la sociedade. (ZEICHNER,2010, pag.58)

Acreditamos que para compreendermos as diferentes trajetórias, na literatura atual, um dos instrumentos seja adotarmos o uso das narrativas, capazes de captar as diferentes histórias e a partir das lutas comuns, estas se reescrevem as influências deixadas pelas diferentes lutas sociais. Sendo assim, as pesquisas narrativas e (auto) biográficas permitem uma compreensão mais global das intrincadas relações dialógico/dialéticas dos contextos que envolvem os conhecimentos, as crenças, os valores que se vão construindo/reconstruindo e mobilizando os percursos pessoais e profissionais. É indiscutível, que nas linhas das lutas dos movimentos sociais, tenha havido muitos avanços, porém nem todo militante é também docente e nem todo docente quer ser militante, mas quando tratamos de justiça social um dos parâmetros a superar trata-se da ditadura da racionalidade teórico-técnica na atualidade e nesta luta mesmo não sendo ativista é preciso refletir.

5-Trajetória do conhecimento no reconhecimento a hermenêutica da identidade

Para Ricoeur (2006) em Hegel o reconhecimento pode ganhar um lugar nesse processo de efetuação, de realização, e assumir formas, que se tornaram familiares para nós, de luta pelo reconhecimento, de exigência de reconhecimento. *“Será também de identidade que se tratará no reconhecimento de si”* (RICOEUR, 2006, pág. 30).

A preparação mais importante para a formação ou auto formação de professores para a justiça social, faria pelos momentos de vivência que os professores formadores, passam com os discentes em suas comunidades e escolas. Neste sentido a formação que leve em conta a justiça social deve passar pela convivência, que deve estar conectada à formação inicial e continuada, pois os conhecimentos produzidos nas universidades muitas vezes obedecem aos critérios metodológicos somente com fontes de estudos bibliográficos, distanciando assim o docente pesquisador de seu campo empírico de experiência com o conhecimento.

Temos presenciado que no contexto da formação de jovens e adultos, o professor formador, ao abordar o tema das relações étnico raciais, enfrenta barreiras, porém, os maiores desafios ainda estão na falta de um maior domínio do campo invisível dos sentidos de quem é vítima dos preconceitos étnico-raciais, por exemplo, assim como outras formas de discriminação.

Segundo Adesky, a legitimação do direito ao reconhecimento das diferentes culturas, parafraseando Taylor, diz que:

A legitimidade do direito ao reconhecimento das diferentes culturas, Taylor (1994) parte da ideia de que o espírito da democracia não pede aos indivíduos e aos povos para renunciarem á sua identidade. Para ele a identidade cultural deve fecundar todo o espaço público para permitir que as pessoas de uma etnia minoritária não se sintam depreciadas em um projeto que lhe seja estranho uma vez que elas não

se sentem verdadeiramente reconhecidas pela maioria como a compartilham a mesma identidade nacional. (ADESKI, 2001, pag.23)

Entenda que os engajamentos comprometidos na luta pela justiça social nos impulsionam como profissionais docentes, a buscarmos entender que as diferentes narrativas das lutas sociais por justiça vêm reconceituando as diferentes histórias da humanidade e resignificando relações e definindo novos campos sociológicos e legais para uma vida mais plena de direitos. Neste contexto a formação de professores ganha o envolvimento do pluralismo das lutas por justiça social, trazidas nos diferentes campos narrados por militantes, ativistas introduzindo leituras do processo formativo de suas experiências.

Quando apontamos para a metodologia narrativa na definição dos enfoques da formação de professores para justiça social, o campo do multiculturalismo vem ao encontro do enfrentamento do racismo, e na formação de professores com o foco no reconhecimento das diferenças e identidade cultural, vamos aportar a práxis das relações étnico raciais, não basta apontarmos para diretrizes nacionais para educação étnico raciais, se não aprendermos em profundidade os sentidos da educação nas diferentes culturas, pois elas estão sedimentadas nas mais profundas alianças de crenças e muitas reproduzem uma forma de olhar o mundo que coloca em “crise” a profissionalidade da docência quando não permeada de alteridade, pois não se avança conceitualmente na reconceituação do contexto multicultural sem o movimento de identidade cultural, a narrativa neste sentido dá voz às opressões reprimidas e cria campos de reciprocidade interculturais.

Narrativamente podemos historiar a trajetória no movimento de luta étnico-racial e de combate ao racismo e percebemos que a formação para a justiça social em relação ao multiculturalismo passa pelo fortalecimento da identidade étnico-cultural, trata-se também de apontarmos para as mudanças necessárias no contexto sócio-político-educacional, contrapor à lógica de consumo, fazê-la entender as necessidades humanas com suas diferenças culturais identidades singulares, sem estigmatizar ou estereotipar os culturalmente diferentes.

Zeichner busca dialogar com a situação de formação de professores para a justiça social, diz ele:

A alta formação como forma dos professores, compreenderem melhor, seu papel e esforços no campo das transformações das atitudes das crenças, das práticas, de seus alunos de formação inicial no respeito às questões de raças, gênero, classe social, preferência sexual, e outros aspectos de diferença que prevalecem à falta de justiça social (ZEICHNER, 2010, pag.143).

Penso que na atuação profissional dos professores a formação permanente deve ser o mecanismo que dita os caminhos, não é possível avançar se não entendermos que não há como ser neutro a um projeto político pedagógico de mudanças de atitudes em relação aos rumos da conjuntura da educação mundial, temos que contrapor a forma que o modelo neoliberal vem influenciando o meio educacional, não podemos ficar estáticos frente às omissões das políticas sociais, as desigualdades econômicas, ao aparelhamento do Estado Público na mão de poucos. A formação de educadores para justiça social e o caminho que os programas vêm tomando como base para as mudanças e está passa, sobretudo pelo reconhecimento de gênero, étnico e social com inclusão.

6-Conclusões

Ao pensar eticamente penso que existe uma ética não explicitada nos documentos, mas que é fruto de uma construção prático-coletiva, trata-se de como os diferentes grupo/campos/modalidades e indivíduos traçam seus paradigmas de corresponsabilidade com legitimação e justiça social, neste sentido as construções e sentidos de pertença são afirmações constantes ao compromisso coletivo. De qualquer forma ética tem haver com a forma que me comporta frente a verdade, minha ou do outro, requer de mim posição e dizer de que lado estou e por que?

Ao pensar esteticamente digo da minha capacidade de ser, estar e interpretar, diz da minha “Alma “, do meu olhar sobre as coisas do mundo, as coisas com a qual vivo em interação. Minhas diferenças e

especificidades. Meus traços culturais, as formas de como vejo o mundo e me apresento a ele, são os desenhos cognitivos de meus pensamentos como vivo meu cotidiano.

Ao pensar politicamente penso partindo do pressuposto aristotélico de que toda política educa, podemos dizer que fazer política é pedagogizar nossas ações e se isto é perfeitamente possível. Quando partimos de nossas práticas é por que nossas práticas estão cheias de sentidos e significados que marcam a forma de sermos e agirmos em relação a nossa existência. Somos seres políticos por que somos seres dialógicos, vivemos em coletividade, pois não é possível sobreviver na coletividade sem negociarmos o viver no cotidiano.

7-Referências bibliográficas

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa: Experiências e História em pesquisa qualitativa**, 2ª Edição revisada, Editora da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2015

D'ADESKY, Jacques, **Racismos e Anti racismo no Brasil**, Editora Pallas, Rio de Janeiro-RJ, 200.

RICOEUR, Paul, **Percurso do Reconhecimento**, São Paulo-SP, Editora Loyola ,2004

_____ **Tempo e narrativa: A Intriga e a Narrativa Histórica** Editora Vozes, 2006

_____ **Na Escola Fenomenologia**, Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2009.

ZEICHNER, Kenneth. M. **Formação reflexiva de professores: ideias e práticas**. Lisboa: Educa, 1993

_____ **La Formacion del Profesorado Y La Lucha por La Justicia Social** edição Morata S.L. Madrid 2010.